



## **OS ASPECTOS MOTORES DA CRIANÇA**

### **CHILD MOTOR ASPECTS**

Mara Rúbia Andrade Rios<sup>1</sup>

*“Onde quer que haja  
mulheres e homens, há sempre o que  
fazer, há sempre o que ensinar, há  
sempre o que aprender.” (Paulo Freire)*

#### **RESUMO**

A presente monografia tem como finalidade apresentar os estudos sobre o desenvolvimento psicomotor na infância. Os estudos elucidam o desenvolvimento e o corpo. Considera-se a educação e a psicomotricidade, enfatizando o movimento locomotor. Propõe-se estudos sobre o desenvolvimento infantil e os estudos de Jean Piaget. Faz-se análise do desenvolvimento após o nascimento e as fases de desenvolvimento de Piaget. Elucida-se ao desenvolvimento da criança na escola e a importância do teste visual e auditivo. Por fim objetiva-se compreender a respeito da sequência do desenvolvimento motor e atividades que podem ser aplicadas no âmbito escolar, como jogos e brincadeiras como facilitadores do processo de desenvolvimento motor da criança.

**Palavras-Chave:** Desenvolvimento. Infantil. Psicomotricidade.

#### **ABSTRACT**

This monograph aims to present studies on psychomotor development in infancy. Studies to elucidate the body and development. It is education and psychomotor, emphasizing locomotor movement. It is proposed that studies on child development and the studies of Jean Piaget. It is analysis of development after birth and the development stages of Piaget. Elucidates to the development of the child in school and the importance of visual and auditory testing. Ultimately the objective is to understand about the sequence of motor development and activities that can be applied in the school, such as games and play as facilitators of the process of motor development of children.

**Keywords:** Development. Children. Psychomotor.

---

<sup>1</sup> FAUESP

## INTRODUÇÃO

Em todo transtorno psicomotor há uma perturbação do esquema corporal, do tônus muscular e da imagem corporal, o que determina simultaneamente confusões espaciais (por exemplo, na lateralidade) e rítmicas (em relação ao movimento, as coordenações da criança e ao equilíbrio da criança) (LEVIN, 2003, p. 154).

Focaremos os aspectos referentes à ação psicomotora como uma possibilidade de reabilitação e prevenção e, posteriormente, quais os distúrbios psicomotores que podem ocorrer na infância e, por fim, como detectar e avaliar o desempenho da criança em suas atividades psicomotoras

A temática do presente projeto de pesquisa partiu da necessidade de compreensão sobre as características e a importância do desenvolvimento psicomotor na infância.

Para a realização deste projeto adotamos a pesquisa bibliográfica onde investigaremos os principais teóricos e abordar as suas principais teorias a respeito do desenvolvimento psicomotor na infância. O presente projeto é de caráter qualitativo, realizado fundamentalmente a partir da pesquisa bibliográfica e da utilização de dados secundários. Sites e textos recentes da internet também foram abordados. Optou-se pela abordagem descritiva dos dados, com o objetivo de trazer um breve histórico da questão ambiental até os novos paradigmas atuais, a partir do referencial teórico existente em documentos e publicações, leitura analítica, fichamento, ficha de resumo e ao final a elaboração da pesquisa formatação da monografia.

O desenvolvimento motor é considerado como um processo sequencial, contínuo e relacionado à idade cronológica, pelo qual o ser humano adquire uma enorme quantidade de habilidades motoras, as quais progridem de movimentos simples e desorganizados para a execução de habilidades motoras altamente organizadas e complexas. Sabe-se que o surgimento de movimentos e seu posterior controle ocorrem em uma direção cé-falo-caudal e próximo-distal, porém este processo não se apresenta de forma linear, incluindo períodos de equilíbrio e desequilíbrio. Apesar disso, costuma cumprir uma sequência ordenada e até previsível de acordo com a idade.

O processo do desenvolvimento motor revela-se basicamente por alterações no comportamento motor. Todos nós - babes, crianças, adolescentes e adultos estamos

envolvidos no processo permanente de aprender a mover-se com controle e competência, em reação aos desafios que enfrentamos diariamente em um mundo em constante mutação. Podemos observar diferenças desenvolvimentistas no comportamento motor, provocadas por fatores próprios do indivíduo (biologia), do ambiente (experiência) e da tarefa em si (físicos/mecânicos). Podemos fazer isso pela observação das alterações no processo (forma) e no produto (desempenho). Assim, um meio primário pelo qual o processo de desenvolvimento motor pode se observado é estudo das alterações no comportamento motor no decorrer do ciclo da vida. Em outras palavras, o comportamento motor observável real de um indivíduo fornece uma "janela" para o processo de desenvolvimento motor, assim como indicações para os processos motores subjacentes.

## **1. DESENVOLVIMENTO – CORPO**

A criança desde a mais tenra idade prende-se a tarefas que lhes são instigantes, desafiadoras. A noção de satisfação e autorrealização provocada pela execução e finalização de uma tarefa sempre lhe surpreende. Seu sorriso de contemplação em fração de segundos inunda o espaço que ocupa, e logo dissipasse. Por exemplo, concentra-se ao máximo e interessa-se exageradamente, dedicando-se com grande entusiasmo para montar um quebra-cabeça que lhe foi dado. No entanto, ao findar a tarefa, admira-o por alguns instantes e o abandona rapidamente. Isso ocorre porque, a criança está em constante movimento e necessita, constantemente, de possibilidades que a permitam despertarem para suas potencialidades.

O desenvolvimento motor na infância caracteriza-se pela aquisição de um amplo espectro de habilidades motoras, que possibilita a criança um amplo domínio do seu corpo em diferentes posturas (estáticas e dinâmicas), locomover-se pelo meio ambiente de variadas formas (andar, correr, saltar, etc.) e manipular objetos e instrumentos diversos (receber uma bola, arremessar uma pedra, chutar, escrever, etc.). Essas habilidades básicas são requeridas para a condução de rotinas diárias em casa e na escola, como também servem a propósitos lúdicos, tão característicos na infância. A cultura requer das crianças, já nos primeiros anos de vida e particularmente no início de seu processo de escolarização, o domínio de várias habilidades. desenvolvimento motor enfoca o estudo das mudanças qualitativas e quantitativas de ações motoras do ser humano ao longo de sua vida.

O escopo das investigações envolve predominantemente a análise de habilidades motoras com forte componente genético e o resultado da interação dos fatores endógenos e exógenos no processo de desenvolvimento de habilidades e capacidades motoras, não apenas com a preocupação de observar e descrever mudanças no comportamento motor ao longo da vida do ser humano, mas também buscando hipóteses que possam explicar ou prever tais mudanças.

E, assim, começa uma nova brincadeira, um novo estímulo, que resultam em um novo conhecimento. Esse fato ocorre porque somos corpo e mente, estamos interligados a um universo macro de informações de um meio repleto de estímulos e aventuras.

De nossa convivência com as crianças é possível dizer que ao brincarem satisfazem uma necessidade básica, que é viver a brincadeira.

Por exemplo, quando as crianças brincavam de montar o quebra-cabeça ou quando estão pulando amarelinha, elas não estão preocupadas com a coordenação necessária para que possam realizar com êxito a tarefa estabelecida, simplesmente brincam, experimentam possibilidades que as permitam realizarem suas metas com sucesso.

Essa experiência de jogar de diferentes formas produz um repertório de movimentos que só pode ser conquistado pela própria experiência de jogar. Não faz sentido para as crianças somente jogar a bolinha para “adquirir” coordenação manual, como desejam muitos/as especialistas, fazendo-as repetir os movimentos até acertar. O contexto deve ser educativo, mas acima de tudo prazeroso, pois de acordo com Levin (2001) é por meio da imagem do corpo criada que ocorre a estruturação subjetiva da criança. A imagem que a criança tem de seu corpo se constitui a partir do outro, que pode ser a mãe, a babá, ou a educadora, que coloca sua própria experiência para que a criança construa seu próprio eu corporal.

Para uma melhor compreensão e entendimento acerca dos padrões de movimento humano, podemos dizer que está associado ao comportamento humano e esse, por sua vez, pode ser classificado como sendo pertencente a um dos três domínios, ou seja, pode pertencer ao campo cognitivo, afetivo-social e motor.

Lembramos que fazem parte do domínio cognitivo as operações mentais como a descoberta ou reconhecimento de informação. Do domínio afetivo-social fazem parte os sentimentos e emoções. E o domínio motor, do qual fazem parte os movimentos.

Alguns estudos mencionam e entendem o domínio motor como sendo o domínio psicomotor das atividades realizadas pela criança, isso porque para a realização de um movimento (desde o mais simples ao mais complexo) envolvemos também os aspectos cognitivos, para que esse possa ocorrer com sucesso.

O movimento tem sido definido de várias formas adotamos o entendimento de Neweel (1978), que afirma que o movimento se refere, geralmente, ao deslocamento do corpo e membros produzidos como consequência do padrão espacial e temporal da contração muscular.

### **1.1 A relação entre Psicomotricidade e Desenvolvimento Motor**

É importante salientarmos que a Psicomotricidade é um campo de conhecimento que se relaciona, diretamente, ao desenvolvimento motor e que, portanto, entendemos como sendo um componente do desenvolvimento da criança.

E o desenvolvimento motor pode ser entendido como o resultado da maturação anatomo-fisiológica da criança que resultará na execução com destreza das habilidades necessárias a determinadas tarefas.

Portanto, estamos nos referindo aos comportamentos não aprendidos que surgem espontaneamente desde que a criança tenha condições adequadas para exercitar-se.

Bee (1997) vai além e afirma que o desenvolvimento se refere às mudanças, que ocorrem como continuidade ao longo de toda variação de idade, da concepção até a morte.

Percebemos, nesse sentido, que um bom desenvolvimento de nosso corpo ocorre não somente mecanicamente, mas sim em parceria com as experimentações que são aprendidas e vivenciadas junto à família, à escola, os grupos sociais, que a criança está inserida e que lhe dá suporte para que possa formar a base da noção de seu eu corporal.

Nesse processo de desenvolvimento, não podemos deixar de relatar a importância dos sentimentos da criança na fase do conhecimento de seu próprio corpo, pois um esquema corporal mal estruturado pode acarretar na criança sentimentos de ordem psicológica, como a baixa na autoestima, que pode ser resultante de outros problemas, como por exemplo, a falta de coordenação para correr ou dominar uma bola. É possível que esse problema iniciado no componente motor quando não sanado, com o passar do

tempo, a tendência é que essa criança passe a rejeitar as tarefas motoras, reagindo com agressividade, mau humor ou apatia pela tarefa. Ou seja, o que para alguns, às vezes, parece ser algo tão simples poderá originar sérios problemas de motricidade que serão manifestados por meio do comportamento motor quando não trabalhados de forma satisfatória e condizente com as necessidades da criança.

Acreditamos que o desenvolvimento humano é um processo de extrema relevância e que abarca os domínios cognitivo, efetivo e motor, entendemos e nos apoiamos na fala de Oliveira (2007), isto é, o desenvolvimento psicomotor é de suma importância na prevenção de problemas da aprendizagem e na reeducação do tônus, da postura, da direcionalidade, da lateralidade e do ritmo.

As práticas psicomotoras podem desenvolver-se em contextos de ação diferenciados, em função de critérios que têm como referência a própria história dos sujeitos, a origem e características das suas dificuldades. Com a criança, a intervenção psicomotora pode desenvolver-se na forma de jogo num contexto lúdico, em dinâmica individual ou grupal. Faz-se necessário tomar alguns cuidados ao se iniciar as ações interventivas, devemos assumir e considerar critérios como a idade (mental e cronológica), necessidades, anseios e aspirações da criança. E, somente a partir deste momento, selecionar as atividades mais adequadas ao contexto de necessidade da criança, portanto, temos que verificar a melhor forma de proporcionar-lhe essa interação com o universo que a cerca. Como entendemos que o movimento está, essencialmente, ligado às questões psicomotoras, podemos perceber, por meio de atividades simples, essas relações. Vejamos, por exemplo, essa relação se efetiva quando trabalhamos com atividades expressivas, jogos sensorio-motores e de estimulação sensorial. Nessas atividades, a criança interage, participa e compreende o contexto da tarefa, pois requerem a organização planejada e interiorizada da ação e sua representação por meio de formas diversificadas de expressão (motora, gráfica; verbal, sonora; plástica dentre outras).

## **2. EDUCAÇÃO E PSICOMOTRICIDADE**

Referente ao esquema corporal, Ledoux (1991, p. 85), psicanalista francês, oferece a seguinte formulação:

O esquema corporal especifica o indivíduo como representante da espécie. Mais ou menos idêntico em todas as crianças da mesma idade, ele é uma realidade de fato, esteio e intérprete da imagem do corpo. Graças a ele, o corpo atual fica referido no espaço à experiência imediata. Ele é inconsciente, pré-consciente e consciente.

Seguindo esta posição, podemos considerar que o *esquema corporal* é definido pela área da Psicomotricidade como a organização de estruturas cerebrais que outorga ao indivíduo a capacidade funcional, ou seja, o conhecimento progressivo das partes e funções do corpo, a partir de etapas sucessivas, determinadas pela maturação neurocortical e pela relação da pessoa com o meio físico e humano. Esta organização, segundo a Psicomotricidade, tem como função propiciar ao indivíduo noções de globalidade de si, equilíbrio postural, afirmação da lateralidade, entre outras habilidades. Se visto sob uma perspectiva de totalidade, podemos dizer que os saberes técnicos produzidos por esta área do conhecimento, relativos ao esquema corporal, justificaram o surgimento de uma verdadeira economia do movimento.

O desenvolvimento motor é um processo de mudança no comportamento motor, o qual está relacionado com a idade, tanto na postura quanto no movimento da criança. Como também observamos que o desenvolvimento motor apresenta características fundamentais sendo elas, as possibilidades de nosso corpo agir e expressar-se de forma adequada, a partir da interação de componentes externos, que é o próprio movimento, e através de elementos internos, que são todos os processos neurológicos e orgânicos que executamos para agir

O desenvolvimento motor está relacionado às áreas cognitiva e afetiva do comportamento humano, sendo influenciado por muitos fatores. Dentre eles destacam os aspectos ambientais, biológicos, familiar, entre outros. Esse desenvolvimento é a contínua alteração da motricidade, ao longo do ciclo da vida, proporcionada pela interação entre as necessidades da tarefa, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente. (GALLAHUE, 2005, p. 03).

Determinados pela necessidade imposta pelo capital, de extração de lucro por meio do aumento da produção, sem o respectivo aumento de investimento em mão de obra, tais saberes influenciaram vários setores da sociedade, incluindo Educação. Nesse setor, tal visão colocou em marcha, entre outros, um processo de intervenção psicomotora, que justificou a formação da classe trabalhadora, pela necessidade de um programa

compensatório direcionado para o desenvolvimento de pré-requisitos que garantissem um bom desempenho nas etapas posteriores de escolarização, frente à precariedade cultural e social da população pobre.

Inúmeros autores estão de acordo ao aceitarem que o estado tônico é uma forma de relação com o meio, que depende de cada situação e de cada indivíduo. O *estado tônico*, ligado aos fatores relativos à história biológica do indivíduo, traduz a multiplicidade de fenômenos neurofisiológicos que permitem ao movimento emergir do fundo que o suporta, o que o torna implicado, portanto, com os outros aspectos da iniciativa motora.

Encontra-se, também, ligado aos fatores hereditários e aos da maturação, a partir dos quais se desenvolvem diferentes estados tônicos relacionados com a vigilância e com os diferentes episódios da vida emocional.

A *hipotonia* aparece, assim, como um fator relacionado com a satisfação das necessidades, no período de imaturidade corporal; a *hipertonia*, pelo contrário, revela-se como o meio de defesa mais eficaz e mais frequente, fator de luta contra os conflitos e contra as ansiedades criadas por estes.

Foi sob a designação de “armadura caracterial” que W. Reich descreveu as formas ativas de resistência. Os aspectos tônicos encontram-se ligados a toda uma cronologia de atitudes, tomada pelo sujeito no decurso da sua evolução temporal. A *função tônica* está ligada à totalidade da personalidade do indivíduo, como provam vários aspectos do domínio psicopatológico, que nos permitem perceber melhor as implicações da tonicidade.

Segundo Wintrebert, os conflitos psíquicos inconscientes podem-se transplantar para a periferia do corpo sob a forma aparente de uma doença orgânica, esfera psíquica, quando não tolera os conflitos, projeta-os na esfera motora sob a forma de uma perturbação orgânica (psicossomática). O estado tônico traduz um equilíbrio entre a periferia e os centros nervosos que tocam níveis da personalidade profunda.

As experiências de Baruk mostraram que a alteração do estado tônico não afeta a perda de execução, mas a iniciativa e o plano do movimento. Por causa daquela alteração, os terrenos cerebrais encarregados das funções psicomotoras encontram-se perturbados, o que resulta na perda de contato com o mundo exterior, no isolamento, na indiferença emocional, nas alucinações etc.

A catatonía, por exemplo, é um problema tônico que se encontra nos esquizofrênicos: nestes indivíduos, verifica-se a persistência de atitudes durante bastante tempo, sem fadiga aparente. Nestes casos, tudo indica que o indivíduo reduz as suas possibilidades de relação com o mundo exterior e que, ao mesmo tempo, perde os meios de reconhecimento da imagem do seu corpo. Dão-se uma patologia relacional e uma perda de adaptabilidade com as correspondentes dissociações do “eu psíquico” do “eu corporal”, que se desintegram progressivamente.

A evolução tônica está ligada à historicidade das relações do indivíduo com o seu meio ambiente, segundo um equilíbrio que, progressivamente, vai-se estabelecendo. Pela vivência de crises e conflitos emocionais, o tônus vai-se constituindo e moldando-se às diferentes situações, adquirindo, assim, reações mais ajustadas às situações do meio.

A vivência corporal não é senão o fator produtor das respostas adequadas, m que se inscrevem todas as tensões e as emoções que caracterizam a evolução psicoafetiva da criança. Segundo as vivências motoras, o tônus adquire uma expressão representativa, demonstrada ao longo da evolução da tonicidade e na dialética dos seus estados hipotônicos e hipertônicos.

O estudo do tônus põe em prática a relação entre a extensibilidade e a passividade e os estudos da evolução das sincinesias. No primeiro aspecto, considera-se o grau de estiramento dos pontos de inserção muscular; no segundo aspecto, o movimento produzido à volta de uma articulação, ou seja, a sua resistência passiva; e no último, os movimentos associados e indiferenciados.

Estas propriedades funcionais, ao distribuírem-se quantitativa e qualitativamente, originam os diferentes tipos tônicos. *Os hipertônicos* (hipoextensos) mais precoces na aquisição da marcha e mais ativos; *os hipotônicos* (hiperextensos) mais avançados na apreensão e na exploração do próprio corpo. A *criança hipotônica* tem movimentos mais soltos, mais leves e mais coordenados, e acusa um menor desgaste muscular. No aspecto social, uma criança com estas características revela um comportamento estável, que lhe garante uma maior receptividade.

As pessoas que a cercam lhe dedicam um “amor sem censura” e são normalmente “calmas” e “sossegadas”. Este clima afetivo, como é evidente, intervém na formação do caráter da criança, como expressou Wallon. A *criança hipertônica* apresenta uma

multiplicidade de reações que traduzem uma certa carência afetiva, visto que, pela sua exagerada produção motora (“os capetas”), provocam, por parte das pessoas, reações de ansiedade e atitudes de rejeição. Graças à sua excessiva motricidade, a criança acusa maior poder de tentativa, adquirindo, por esse fato e pelos seus próprios meios, as habilidades motoras fundamentais ao seu desenvolvimento.

A precocidade da aquisição motora da marcha, por exemplo, pode originar obliterações afetivas, e como decorrência, os primeiros desgastes materiais. A partir daqui determinados espaços estão interditados e instala-se a privação de movimento. Esta simples situação é suficiente para alterar as relações afetivas mãe-filho, que irão repercutir no desenvolvimento posterior da criança. Já a criança hipotônica não só encontra envolvimento afetivo conveniente e permissivo, como também inicia mais rapidamente as relações cérebro-mão, provocadas pela preensão. A preensão, como estrutura de realização, depende da corticalização e favorece a coordenação óculo-manual, elemento essencial de maturação mental.

Stambak e Lezine realizaram um estudo experimental entre os tipos motores e a correspondente adaptação caracterial, chegando à conclusão de que as crianças hipotônicas são mais tímidas, mais afetivas e mais dependentes que as crianças hipertônicas, que já são mais raivosas e menos fixadas nos pais. Constataram, ainda, que os comportamentos das crianças do mesmo tipo motor variam em razão do regime socioeducativo a que estão sujeitas. Apresentando manifestações motoras e caracteriais semelhantes, as crianças podem ser fáceis ou difíceis, segundo o ambiente cultural e o nível de tolerância que as cercam.

Nesta simples amostragem, somos levados a compreender que a função tônica está ligada a todas as manifestações de ordem afetiva, emotiva, cognitiva e motora.

Wallon (1951), por exemplo, coloca o diálogo tônico, ou seja, a relação corporal afetiva no centro do processo de desenvolvimento do caráter e da inteligência da criança. Propondo uma estreita relação entre tono postural e tono emocional, e considerando a emoção elemento de ligação entre o orgânico e o social, elabora na teoria do desenvolvimento que concebe a criança, desde o seu nascimento, como um ser em sociedade. Sendo assim, para este autor, a estruturação do caráter e da inteligência depende, fundamentalmente, das relações estabelecidas entre a criança e seus pares.

Ajuriaguerra (1962), neurologista francês, citado por Le Camus (1986, p. 39), ao comentar as ideias de Wallon a respeito da importância das relações corporais afetivas para o desenvolvimento infantil diz que [...] a constante preocupação de Wallon foi a de destacar a importância da função afetiva primitiva em todos os desenvolvimentos posteriores do sujeito, fusão expressa através dos fenômenos motores num diálogo que é o prelúdio ao diálogo verbal ulterior e a que chamamos de diálogo tônico. [...] todos sabem da importância que Wallon concedeu ao fenômeno tônico por excelência que é a função postural de comunicação, essencial para a criança pequena, função de troca por meio da qual a criança dá e recebe.

É principalmente aí, em nossa opinião, que a obra de Wallon abre uma perspectiva original e fecunda na psicologia e na psicopatologia. A função postural está essencialmente vinculada à emoção, isto é, à exteriorização da afetividade.

Concebendo o processo de desenvolvimento como descontínuo, Wallon se contrapõe às teorias elaboradas segundo regras de maturação unívoca e de encadeamento de operações sucessivas do pensamento. Em suas formulações, o desenvolvimento advém de um processo de superação, por incorporação, de antigas atitudes e formas de pensamento, motivadas pelas contradições presentes nas novas relações que se estabelecem entre a criança e o meio humano. Neste sentido, podemos dizer que para Wallon o homem é um processo histórico, precisamente o processo de seus atos, de suas relações.

Conforme podemos acompanhar, Wallon (1951, *apud* Cabral, 2000, p. 271) pressupõe a articulação entre o orgânico e o ser psíquico, afirmando não serem estas dimensões isoladas:

Não são duas entidades que se devam estudar separadamente e, depois, colocar em concordância. [...] Um e outro se exprimem simultaneamente em todos os níveis da evolução, pelas ações e reações do sujeito sobre o meio, diante do outro. O meio mais importante para a formação da personalidade não é o meio físico, é o meio social. Pouco a pouco, ela que se confundia com o meio vai se dissociar dele. Sua evolução não é uniforme, mas feita de oposições e identificações. É dialética. Piaget, por sua vez, fundamentou sua teoria numa visão evolutiva.

Diferentemente de Wallon, para o qual o sujeito é antes de tudo um ser social, Piaget parte de um sujeito biológico, uma espécie de organismo rudimentar que, por meio da experiência, desenvolve-se rumo à socialização. Pulaski (1983, p. 32), com base nos estudos de Piaget, afirma que o bebê [...] vem ao mundo equipado com uns poucos reflexos neonatais, como sugar e agarrar, que fazem parte de sua herança

biológica. Além desses, seu comportamento consiste em movimentos motores grosseiros, a princípio sem coordenação e sem objetivo. Deste modo, concebe o desenvolvimento como um processo de equilibração progressiva, que parte de um estado inferior até atingir um estado mais elevado. Processo autorregulador, dinâmico e contínuo, a equilibração tem o papel de promover um balanço entre as funções de assimilação e acomodação que, funcionando simultaneamente em todos os níveis biológicos e intelectuais, possibilitam o desenvolvimento tanto físico quanto cognitivo da criança. Esta conceituação baseia-se nos processos adaptativos referidos pela biologia que, segundo Piaget, constituem o elo comum entre todos os seres vivos (PULASKI, 1983, p. 23-25).

Quatro fatores são apresentados por Pulaski (1983, p. 24-27) como fundamentais para o processo de desenvolvimento biopsicossocial da criança. São eles: maturação ou crescimento fisiológico das estruturas orgânicas hereditárias; experiências física e empírica, pelas quais a criança vai fazer suas próprias aprendizagens; transmissão social referente às informações aprendidas com seus pares, por via direta ou indireta; equilibração que coordena e regula os outros três fatores, fazendo surgir estados progressivos de equilíbrio. Embora Piaget não tenha definido um conceito de esquema corporal, visto que seus estudos não se propunham a tal tarefa, suas formulações levam-nos a considerar tal esquema como o conhecimento progressivo das partes e funções do corpo, constituído a partir de etapas sucessivas, semelhantes em crianças da mesma idade, determinado pelos processos de autorregulação e adaptação ao meio exterior.

A partir desta breve contextualização, podemos considerar que enquanto Wallon concebe o esquema corporal como resultante das múltiplas relações que o indivíduo estabelece com seus pares, Piaget define esta categoria a partir de uma visão cognitivista, na qual a consciência do corpo resulta do amadurecimento das interações entre as estruturas cerebrais, como processo natural de adaptação ao meio ambiente. Segundo a primeira concepção, o indivíduo toma consciência de si a partir de sua inserção no meio social, já, na segunda, esta consciência é determinada por uma autoequilibração comum a todos os seres vivos.

A Educação psicomotora engloba as aprendizagens da criança, processando-se por etapas progressivas e específicas conforme o desenvolvimento geral de cada indivíduo. Realiza-se em todos os momentos da vida por meio de percepções vivenciadas, como

uma intervenção direta nos aspectos cognitivo, motor e emocional, estruturando o indivíduo como um todo. A educação passa pela facilitação das condições naturais e prevenção de distúrbio, corporais'. Ela se realiza na escola, na família e no meio social. Com a participação dos educadores, dos pais e dos professores em geral (professores de natação, de atividades aquáticas, judô, balé, ginástica, dança, arte-educadores, magistério etc.), Dirige-se prioritariamente as crianças em condições de frequentar a escola e sem comprometimentos maiores. Muitos autores enfatizam essa área de atuação e acreditamos que a base educativa acaba permeando as outras (reeducação, estimulação e terapia).

Le Boulch (1981) comenta que "a educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de base na escola elementar, ponto de partida de todas as aprendizagens pré-escolares e escolares". Ele lutou e conquistou, na década de 60, a inclusão da educação psicomotora nos cursos primários da França, Vayer (1969) coloca que

do ponto de vista educativo, o papel e lugar da educação psicomotora na educação geral corresponderá, naturalmente, às diferentes etapas do desenvolvimento da criança, e assim entendemos que: no curso da primeira infância, toda educação é educação psicomotora, no curso da segunda infância, a educação psicomotora permanece sendo o núcleo fundamental de uma ação educativa que começa a diferenciar-se em atividades de expressão, organização das relações lógicas e as necessárias aprendizagens de leitura escrita-ditado: no curso da 'grande infância', a diferenciação entre as atividades educativas se faz mais acentuadamente, e a educação psicomotora mantém então a relação entre as diversas atividades que concorrem simultaneamente ao desenvolvimento de todos os aspectos da personalidade.

Lapierre (1989) coloca que a educação psicomotora "é uma ação psicopedagógica que utiliza os meios de educação física, com a finalidade de normalizar ou melhorar o comportamento do indivíduo".

Picq-Vayer (1969) sugerem que se investiguem as técnicas mais eficazes, para obter uma melhora progressiva no comportamento geral da criança. E Bueno (1998, p. 84) completa dizendo que:

A consciência do corpo, o domínio do equilíbrio, o controle e mais tarde a eficácia das diversas coordenações gerais e segmentares, a organização do esquema corporal, a orientação no espaço e finalmente, melhores possibilidades de adaptação ao mundo exterior são os principais motivos da educação psicomotriz.

A psicomotricidade é uma área que vem sendo aplicada no campo terapêutico e de integração social, tais como, a debilidade motora, as dificuldades de aprendizagem e a aprendizagem profissional (CHAZAUD, 1976, p. 99).

Segundo a Sociedade Brasileira de Psicomotricidade (1999), esta é a ciência que estuda o homem por meio de seu corpo em movimento, em relação com o mundo interno e externo, bem como suas possibilidades de perceber, atuar, agir com o outro, com os objetos e consigo mesmo. Está relacionada ao processo de maturação, no qual o corpo é origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas. Desde o seu surgimento até os dias atuais, a história e a evolução da psicomotricidade estão relacionadas a três diferentes orientações que norteiam sua prática fazendo com que esta se torne cada vez mais peculiar e específica. A primeira está relacionada às práticas reeducativas, seguida da terapia psicomotora e, por fim, a clínica psicomotora.

A primeira vertente foi influenciada pela neuropsiquiatria, cujo foco era o aspecto motor, e aqui o corpo é visto como instrumento. Notamos, nesse momento, a tentativa de superação do dualismo cartesiano (mente e corpo).

De acordo com Levin (p.30, 2007), o corpo era a ferramenta de trabalho para o reeducador que se propõe a concertá-lo.

Assim, a reeducação psicomotora enxerga o homem como dono de um corpo e este corpo é visto como uma máquina de músculos que não funcionam e que, por isso, devem ser reparados.

Com a contribuição da psicologia, em especial a psicologia genética, o foco da psicomotricidade se modifica do ato simplesmente motor para o corpo em movimento e, com isso, acontece o segundo corte epistemológico voltado a educação psicomotora (OLIVEIRA, 2009).

Nesse sentido, percebemos que a terapia psicomotora se ocupa, observa e opera num corpo em movimento que se desloca, que constrói a realidade, que conhece à medida que começa a movimentar-se, que sente que se emociona e cuja emoção manifesta-se tonicamente (LEVIN, p. 31, 2007).

Para Andrade (1984), a psicomotricidade é a “educação do movimento com atuação sobre o intelecto, numa relação entre pensamento e ação, englobando funções neurofisiológicas e psíquicas”. O que significa dizer que as ações interventivas que a ela são direcionadas asseguram o desenvolvimento funcional, tendo em conta as

possibilidades da criança, e ajudar sua afetividade a se expandir e equilibrar-se, por meio do intercâmbio com o ambiente humano.

Nesse sentido, a psicomotricidade também deve ser vista como uma possibilidade, um meio de prevenção adequado para compensar a privação de movimento que, por vezes, ocorre no ambiente escolar, pois como ação educativa integrada e fundamentada na comunicação, na linguagem e nos movimentos naturais conscientes e espontâneos da criança.

Como tem a finalidade de normalizar e aperfeiçoar a conduta global do ser humano utiliza as ações psicomotoras como meio de comunicação através da exploração do movimento consciente, intencional e sensível em sua evolução e formação, sendo considerada como ponto total de apoio das experiências sensório-motoras, emocionais, afetivas, cognitivas, espirituais e sociais, como um todo. Estimula a criatividade e as inúmeras formas de movimento por meio de suas praxis. Procura ajudar a pessoa na melhor tomada de consciência de seu corpo integrada às emoções, a fim de reencontrar o caminho da comunicação consigo mesma e com os outros.

A Psicomotricidade, composta numa unidade dinâmica entre Educação, Reeducação e Terapia Psicomotora que interatuam de forma integrada ao centro da vida emocional e efetiva do ser humano, fundamenta-se na comunicação global. Procura harmonizar o comportamento humano sob o enfoque do movimento e da linguagem, meios pelos quais as pessoas se comunicam entre si e transformam o mundo que as envolvem.

Como ação educativa a Psicomotricidade, por meio da Educação Psicomotora, é essencialmente plástica e envolvente, sendo considerada por Barros (1992), como “a alma do movimento” aquilo que não se vê, não se toca, porém se sente.

O trabalho da reeducação privilegia, a princípio, três situações: o alívio do problema, a redução do sintoma e a adaptação ao problema, através de jogos e exercícios psicomotores. As práticas reeducativas podem ser usadas por meio de:

- a. Técnicas específicas.
- b. Exercícios psicomotores e jogos.
- c. Trabalho direto com o sintoma observado no exame psicomotor e pelas falas.

As atividades numa ação de prevenção ou reeducação devem de acordo com Lapierre (1989), D'íancão (1988) e Gomes (1987), visar o desenvolvimento de capacidades básicas: sensoriais, perceptivas e motoras, propiciando uma organização adequada de atitudes adaptativas, atuando como agente profilático de distúrbios da aprendizagem.

## **2.1 Movimento locomotor**

O movimento locomotor refere-se a movimentos que envolvem mudanças na localização do corpo relativamente a um ponto fixo na superfície. Caminhar, correr, pular, ficar apoiado em um pé só ou saltar um obstáculo é desempenhar uma tarefa locomotora. Em nosso uso do termo, atividades como rolar para a frente e rolar para trás podem ser consideradas tanto como movimentos locomotores quanto como movimentos estabilizadores/locomotores porque o corpo está movendo-se de um ponto a outro; estabilizadores porque têm como objetivo a manutenção do equilíbrio em situação de equilíbrio incomum.

As "habilidades motoras fundamentais" da primeira infância são consequência da fase de movimentos rudimentares do período neonatal. Esta fase do desenvolvimento motor representa um período no qual as crianças pequenas estão ativamente envolvidas na exploração e na experimentação das capacidades motoras de seus corpos. É um período para descobrir como desempenhar uma variedade de movimentos estabilizadores, locomotores e manipulativos, primeiro isoladamente e, então, de modo combinado. As crianças que estão desenvolvendo padrões fundamentais de movimento estão aprendendo a reagir com controle motor e competência motora a vários estímulos. Estão obtendo crescente controle para desempenhar movimentos discretos, em série e contínuos, como fica evidenciado por sua habilidade em aceitar alterações nas exigências das tarefas. Os padrões de movimento fundamentais são padrões observáveis básicos de comportamento. Atividades locomotoras (correr e pular), manipulativas (arremessar e apanhar) e estabilizadoras (andar com firmeza e o equilíbrio em um pé só) são exemplos de movimentos fundamentais que devem ser desenvolvidos nos primeiros anos da infância.

Segundo Colello (1995), a falta de atenção da escola ao movimento dos indivíduos se fundamenta na concepção dualista do homem, segundo a qual a mente

predomina sobre o corpo. Apesar dos vários estudos mostrarem a importância desta área, as escolas continuam deixando em segundo plano a prática psicomotora, pois pensam no ato de escrever como sendo um ato motor que, repetido várias vezes, por meio de movimentos mecânicos e sem sentido, pode ser fixado.

Conforme Petry (1988), este reafirma a importância do desenvolvimento dos conceitos psicomotores, ressaltando que as dificuldades de aprendizagem em crianças de inteligência média podem se manifestar quanto à caracterização de letras simétricas pela inversão do “sentido direita-esquerda”, como, por exemplo, b, p, q ou por inversão do “sentido em cima em baixo”, d, p, n, u, ou ainda por inversão das letras oar, ora, aro. De acordo com a autora, a compreensão de conceitos como perto, longe, dentro, fora, mais perto, bem longe, atrás, embaixo, alta, mais alta será facilitada com série de ações no espaço, com o corpo em movimento.

A aprendizagem depende basicamente da vivência corporal, onde tais práticas exigem equilíbrio, coordenação, força que possibilitam a conscientização global e o controle dos movimentos do corpo e o desenvolvimento do esquema corporal, ou seja, a construção mental do conhecimento do próprio corpo e de seus movimentos. A prática da psicomotricidade no âmbito escolar tem o objetivo de desenvolver as potencialidades dos alunos, respeitando suas potencialidades dentro do processo educativo, proporcionando atividades que possam servir de ferramenta de ação no auxílio do desenvolvimento da aprendizagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após esta pesquisa bibliográfica, podemos nos remeter a uma breve reflexão sobre a importância do brincar na Educação Infantil, por que é importante? O prazer que provém das brincadeiras guarda o sentido do prazer pelo viver, ser, investigar, sentir, tocar, viver com o outro, vibrar com vitórias e enfrentar derrotas.

Através do brinquedo e brincadeiras a criança pode desenvolver a imaginação, confiança, autoestima, e a cooperação. O modo com a criança brinca revela seu mundo interior e isso permite a interação da criança com as outras crianças e a formação de sua personalidade.

Para isso é necessário que as escolas dêem condições e promovam situações de acordo com as necessidades das crianças, oportunizando estimulação para o

desenvolvimento motor e integral da criança. Na sua influência para com o desenvolvimento infantil o brincar pode ser utilizado como uma ferramenta para estimular déficits e dificuldades encontradas em alguns aspectos desenvolvimentais. Porém, professores que trabalham com estas crianças devem estar atentos ao desenvolvimento global infantil e não se deterem a aspectos isolados, uma vez que todos os aspectos estão interligados e exercem influências uns para com os outros.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AJURIAGUERRA, Julian de. **Manual de Psiquiatria Infantil**. São Paulo: Manson, 1983.
- BEE, H. **O ciclo vital da vida**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**./ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997. V.7
- BRASIL. **Constituição Federal**, Brasília, 1988.
- COLLELO, S. M. G. **Alfabetização em questão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995
- GALLAHUE DL, OZMUN JC. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor: Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos**. São Paulo: Phorte; 2003.
- LE BOULCH. **Educação psicomotora: a psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- LEDOUX, Michel. **Introdução à obra de Françoise Dolto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991
- LEVIN, E. **Infância em Cena, A: Constituição do Sujeito** Ed. Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A clínica psicomotora: o corpo na linguagem**. 7ª edição, Petrópolis: Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A Clínica Psicomotora: o corpo na linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- NEWELL K. M. **Physical constraints to development of motor skills**. In: Thomas JR, organizador. **Motor Development During Childhood and Adolescence**. Louisiana: Burgess Publishing Company; 1986. p. 105-120.
- PETRY, R. M. **Educação Física e Alfabetização**. 3ª ed. Porto Alegre; Kuarup Ltda., 1988
- VAYER, P. **A Criança Diante do Mundo**. Artes Médicas. 1984.
- WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**, São Paulo, Edições 70,